

O DILEMA ENTRE A RECUPERAÇÃO E O APAGAMENTO DA INFORMAÇÃO NA ERA DIGITAL: PERSPECTIVAS EM CONSTRUÇÃO

THE DILEMMA BETWEEN INFORMATION RECOVERY AND ERASING IN DIGITAL ERA: BUILDING PERSPECTIVES

Ricardo Medeiros Pimenta

Resumo: Este trabalho é um artigo de revisão cujo objetivo é a realização de um relato parcial, de corte temático, referente à pesquisa em andamento intitulada “dimensões tecnopolíticas do esquecimento: usos e abusos da memória na era digital”. De cunho teórico, a pesquisa busca compreender a dialética existente entre a recuperação e o apagamento da informação; entre a lembrança e o esquecimento da memória ambos no ambiente eletrônico do ciberespaço. Utilizando-se de recursos de análise gratuitos da internet, este artigo busca criar meios de visualização das tendências apontadas no texto sobre a escalada do interesse em recuperação e apagamento da informação na produção literária e científica global e do impacto da notícia do fim das atividades da rede social *Orkut*. Com isso, buscou-se, através do emprego destes elementos de análise, averiguar a possível hipótese de uma realidade dialética presente nos binômios recuperar/lembrar e apagar/esquecer; enquanto marcas da cultura digital de memória contemporânea em escala global.

Palavras-chave: Recuperação da informação, Apagamento da informação, Memória, Ciberespaço, Orkut.

Abstract: This paper is a review article whose purpose is to perform a partial report, a thematic cutting referring to the ongoing research entitled "tecnopolitics dimensions of forgetting: uses and abuses of memory in the digital age." Of a theoretical nature, the research seeks to understand the existing dialectic between recovery and erasure of information, remembering and forgetting of memory, both within the electronic environment of cyberspace. Using free analysis resources from the Internet this article uses ways of trends visualization in the text about the increase of interest in information retrieval and deletion in the global literary and scientific production. And also the impact of the news about the end of its activities by the social network: Orkut. Thus, through the employment of these elements of analysis we attempted to investigate the possible hypothesis of a dialectic reality present in the binomials recover/remember and delete/forget; as marks of contemporary digital culture of memory on a global scale.

Keywords: Information recovery, Deletion of information, Memory, Cyberspace, Orkut.

1 INTRODUÇÃO.

Este artigo é um relato parcial, de corte temático, referente à pesquisa em andamento, intitulada “dimensões tecnopolíticas do esquecimento: usos e abusos da memória na era digital”²⁷ e, portanto, de revisão. Neste texto buscamos dar lugar a um debate teórico, ainda em andamento, e a algumas resoluções parciais acerca da dialética existente entre a recuperação e o apagamento da informação no ambiente eletrônico do ciberespaço e como tal dinâmica interfere na memória social contemporânea.

²⁷ Pesquisa em realização com apoio do CNPq via edital de ciências sociais aplicadas.

A pesquisa em andamento realiza análise qualitativa de dados extraídos do ciberespaço com a utilização do software de análise qualitativa NVivo 10; e de ferramentas gratuitas como o *Google Ngram Viewer*, para medir a incidência de termos na bibliografia mundial indexada pelo projeto *Google Books*; *Topsy*, motor de busca e análise de redes sociais na web; e *DIIGO - social bookmarking*, ferramenta de indexação online de material da web. Para este artigo utilizamos as ferramentas gratuitas acima mencionadas. O objetivo era o de criar meios de visualização das tendências apontadas no texto sobre a escalada do interesse em recuperação e apagamento da informação na produção literária e científica global e do impacto da notícia do fim das atividades da rede social *Orkut*. Busca-se com estes elementos justificar a análise teórica iniciada, e suas possíveis hipóteses, e em contínuo processo de verificação durante o andamento da pesquisa em curso.

1.1 a Era Digital: desafio ao esquecimento?

É notório que testemunhamos *grosso modo* uma percepção coletiva em nossa cultura informacional de que a preservação de toda a informação produzida pelo homem, hoje, seria possível. Nos dias correntes aprendemos a “arquivar” nossa própria vida em inúmeros dispositivos eletrônicos que nada mais são que os atuais artefatos tecnológicos que possibilitam a transmissão da expressão humana.

Contudo, a amplificação dos meios eletrônicos de produção, estocagem e recuperação de informação contribuiu para que depositássemos na mediação, a expectativa da preservação. Ilusão “narcísica” que, segundo McLuhan (2011), pode nos levar à amputação de nossa própria capacidade inata de lembrar.

Na atualidade temos produzido e guardado uma quantidade de informação jamais vista sobre nós mesmos, de sorte que “o armazenamento e a recuperação de informações digitais transformaram a lembrança no estado-padrão do conhecimento, e o esquecimento tornou-se acidente ou exceção”. (VAIDHYANATHAN, 2011, p. 195). Tal fenômeno possui, contudo, suas singularidades capazes de nos apresentar potenciais novos problemas.

Na Internet, a intenção biográfica ganha o espaço público e, tendo-o como destinatário, constrói uma “significação” (VOLLI, 2012, p. 18) de natureza comunicativa com a intenção de informar. Tal potencial, no entanto, carrega consigo novos problemas. A dissolução de algumas barreiras entre o público e privado figura como um desses problemas, já que a superexposição dos usuários nas redes sociais cria históricos, registros em cache e, por conseguinte, memórias “indesejáveis”. Aprender a pressionar a tecla “*delete*” em nossos

aparelhos, hoje todos conectados via *wi-fi*, parece ser importante para evitarmos um “futuro distópico no qual o indivíduo se constrange pelo seu passado digital” (SMITH, 2009, p. 369).

2 DA ACELERAÇÃO E DA RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO: ASPECTOS FUNDAMENTAIS AO DEBATE SOBRE A MEMÓRIA NO CIBERESPAÇO

Como ponto de partida, consideramos a dialética entre o desejo de memória e o direito ao esquecimento enquanto espaço comum da distopia informacional presente na atualidade. Na maior parte da história humana, o esquecimento tem sido o parâmetro básico e a lembrança, o desafio. Cânticos, canções, livros, bibliotecas e até mesmo universidades foram criados fundamentalmente para superar nossa tendência ao esquecimento e à produção do conhecimento. Mnemotécnicas foram criadas desde sempre na história do homem. Da Grécia antiga à idade média, passando pelo renascimento e adiante. As obras de Raimundo Lúlio ou os sistemas de Giordano Bruno e o teatro da memória de Giulio Camillo (YATES, 2007), por exemplo, explicitam o constante desafio e necessidade do homem ser capaz de fazer uso de sua memória e, para tanto, dominar meios de recuperar a informação. Contudo, não seria totalmente incorreto dizer que, séculos depois, o excesso de informação presente em nossa atualidade pelo ciberespaço torna cada vez mais árdua a tarefa de apagamento da mesma, interferindo drasticamente em nossas atuais e futuras relações com a memória.

Atualmente, produzimos diariamente uma quantidade sem igual de dados sobre nossas próprias atividades comerciais, políticas e privadas. Produzimos até mesmo sem saber um histórico de nosso trânsito, de nosso consumo, de nossos gostos e humores. Ratificamos, portanto, a perspectiva de Pimenta (2013a) ao compreendermos que no atual horizonte global novos suportes da memória, idealizados e destinados às grandes corporações internacionais e ao controle do Estado, tornam-se reais devido à rastreabilidade de nossa navegação no ciberespaço. Dessa maneira, em nosso horizonte político e tecnológico, a memória se construirá em grande medida por estas mediações cujas funções e utilidades também são as de vigilância e monitoramento.

O ciberespaço é o mais novo local de "*disponibilização*" de informações possibilitado pelas novas tecnologias. Uma nova mídia que absorve todas as outras e oferece recursos inimagináveis, há algumas décadas. Trata-se de um espaço que ainda não se conhece completamente, cheio de desafios e incertezas, tanto na sua práxis, quanto em suas formulações filosófico e teóricas. Um espaço aberto, virtual, fluido, navegável. Um espaço que se constrói em cima de sistemas, e, por esse mesmo fato, é também o sistema do caos, como Lévy (2000) o caracteriza. (MONTEIRO, 2007, p. 5).

O paradoxo reside entre a facilidade e a dificuldade, que teremos em sociedade uma sociedade em rede, de recuperar e de apagar a informação; tornando a experiência do excesso

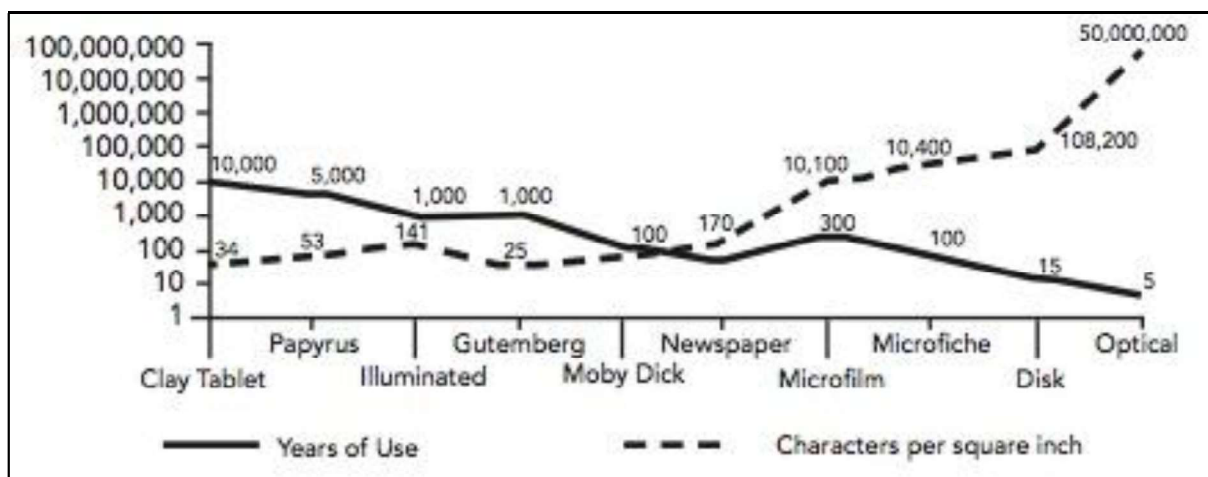
informativa de nossa sociedade global aspecto delicado aos estudos da ciência da informação e da memória em seus aspectos interdisciplinares.

O avanço tecnológico nos impele a acreditar ser possível que nossas informações não sejam mais perdidas por completo. Uma vez que as mediações produzidas pelo homem o auxiliaram cada vez mais neste empenho, o poder de jamais perder, apagar ou esquecer algo parece mais próximo de todos. Contamos com uma memória mediada pelos objetos, pelas coisas que, não apenas atribuímos significado e correlação aos eventos passados, agem como uma mídia. De fotografias e fitas K-7 à DVDs, compact discs ou pen-drives, entre tantos outros objetos, estamos a testemunhar o surgimento de uma “nova materialidade da memória” (VAN DIJCK, 2007, p. 47), mais “plástica” e paradoxalmente mais fácil de perdermos seu acesso. Contudo, é fato que grande parte dos dados e informações que julgamos apagados da rede, não está completamente perdida no ciberespaço. Mas e o movimento inverso? Seria um truismo crer na possibilidade de se armazenar e recuperar toda a informação produzida no ciberespaço?

Segundo Dery (1998) a cibercultura teria se aproximando de sua “velocidade de escape”. Algo como quando uma nave espacial, devido a sua crescente velocidade, rompe o campo gravitacional da terra; poderíamos também romper com os limites de nosso mundo real; chegando ao ponto de sermos capazes de armazenar tudo, de recuperarmos todas as informações e dados sobre o que produzimos no ciberespaço? Os tópicos a seguir buscarão contribuir para a formulação de uma resposta a este questionamento.

Assim como quaisquer suportes informacionais criados pelo homem, as plataformas eletrônicas da rede mundial de computadores também se tornaram “lugares de informação” (JARDIM, 1998), uma vez que é por meio da própria world wide web que a organização e transferência da informação se torna possível; além de um espaço de registro de saberes e do conhecimento do homem contemporâneo. Seus suportes eletrônicos, digitais, transformaram “as capacidades de transmissão e armazenamento” (JORENTE, 2012, p. 163) enquanto diminuiu drasticamente sua perenidade frente ao tempo.

FIGURA 1: O dilema das mídias (suportes) modernas.



Fonte: Conway (1996).

Há, nitidamente, uma aceleração quanto à intenção/desejo do registro. Segundo Flusser (2010, p. 69), com a revolução informacional as pessoas estariam desenvolvendo em paralelo à escrita alfabética uma escrita através do código binário. Ou seja, a escrita para a comunicação permanece a mesma enquanto silenciosamente no tocante às formas e sistemas responsáveis pelo registro, recuperação e circulação da informação nos meios eletrônicos e digitais ela dá lugar ao binarismo característico dos programas, prescrições, que compõem as linguagens computacionais, permitindo o armazenamento, a recuperação e a transferência da informação.

Com efeito, se tal fato acelera, na mesma medida que se expande, exponencialmente as capacidades informativas dos suportes informacionais atuais, por outro lado, extingue a durabilidade ou a vida útil dos mesmos conforme vemos em Conway (1996). E este conflito afeta a relação humana com o passado e com sua memória. Retomamos Flusser (2010, p. 32-33), ao reiterar que passamos do aspecto monumental das inscrições antigas, desferidas contra um suporte material duro, para o aspecto documental das sobrescrições, riscadas, impressas ou desenhadas em um suporte cuja transmissão ao leitor é o foco central; e agora testemunhamos os fenômenos marcados pelo aspecto eletrônico, cuja compreensão se dá apenas pela via da eletrônica e da programação matemática, retirando do próprio homem a capacidade de interpretação daquilo que se torna fulcral para a produção e transmissão da informação na atualidade: os dados. Dados que sem a tecnologia capaz de sintetizá-los, de lê-los, de intermediá-los ao homem, se apagarão em velocidade muito maior que qualquer papiro consumido pelo fogo. Esta nova forma de registro, de produção de informações marca não somente a nossa era digital, mas a própria fundação da sociedade da informação na segunda metade do século XX.

Sabemos que a intenção do registro é comumente o foco quando nos questionamos sobre os motivos e objetivos por trás das diferentes formas de expressão do homem em sociedade. Cartas, livros, fotos, pinturas; palavras de ordem em muros, folhetins e demais periódicos, mesmo alternativos; entrevistas de todo o tipo. Mas também os fóruns, blogs, sítios eletrônicos de toda sorte e plataformas eletrônicas da web 2.0 são igualmente formas de mediação da comunicação entre indivíduos e grupos que atendem a um dado regime de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012).

O ato de registrar representa *grosso modo* uma ação na qual utilizamos de algum meio para inserirmos determinada informação em um dado suporte. Não importando a tecnologia empregada, todo registro deixa traços de sua existência. O assentamento das atividades humanas em sociedade não apenas informam aos seus contemporâneos, como podem ser de extrema importância para o conhecimento futuro. E é nesse ponto que o papel da tecnologia em nossa cultura contemporânea é indelével.

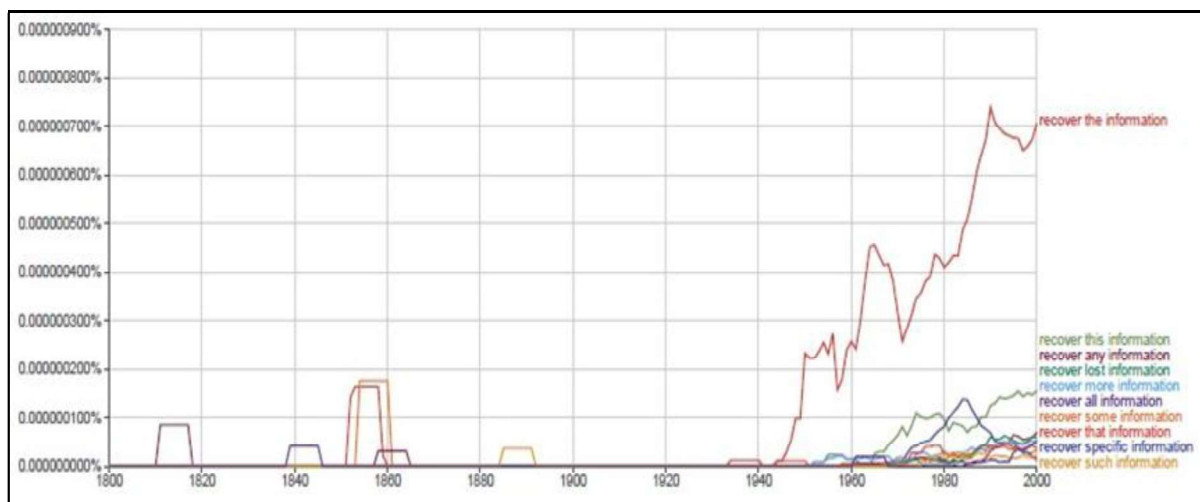
Sejam em papéis, documentos legalmente reconhecidos por instituições como cartórios e tribunais; seja em um disco rígido cujo acesso torna-se possível pela mediação do computador; as formas de registro de informações são diversas. Um grafite em um muro da cidade, uma intervenção artística em um local inusitado ou um sítio eletrônico são todas formas de registro e, portanto, meios de comunicar-se em a sociedade. Expressões de uma memória cultural (ASSMANN, 2011, p. 17) a qual sua exterioridade marca o aspecto por vezes institucional e por outras, tecnológico dependente; onde a memória a ser utilizada pela sociedade, necessita de meios capazes de depositá-la, circulá-la e recuperá-la. De fato, todos estes meios de expressão e impressão do conhecimento traduzem-se pela tecnicidade utilizada enquanto produção social; capaz de influenciar o próprio lugar da cultura na sociedade contemporânea (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54).

O registro da informação, não importando qual seja sua forma, é etapa prévia necessária à recuperação da informação. E, como vimos no gráfico proposto por Conway (1996), o aumento dos suportes informacionais e de suas capacidades denota o interesse, ou urgência, em se lidar com um volume informacional cada vez maior. É igualmente notória que, junte-se a esta dinâmica a crescente necessidade pela gestão da informação, a recuperação é condição *sine qua non* para tal realização.

De fato, todo registro provê em seu ato, a possibilidade da recuperação. Recuperar informação tornou-se uma questão de crescente interesse e urgência na própria produção literária e científica contemporânea. E podemos averiguar isso ao constatar pela ferramenta *Ngram Viewer*, do *Google*, a incidência dos termos “*recover*” e “*information*” junto às suas

variáveis gramaticais e verbais no universo de livros e publicações indexadas e digitalizadas pelo projeto *Google Books*. No gráfico é possível perceber que desde meados dos anos 1940, coincidindo com o final da segunda guerra mundial, a recuperação da informação, em termos gerais, torna-se assunto, tema ou ação comum e crescente na produção bibliográfica humana coberta pelo projeto *Google Books*.

FIGURA 2: Gráfico gerado, em 29 de maio de 2014, pelo *Google Books Ngram Viewer* a partir dos termos “recover” e “information”.

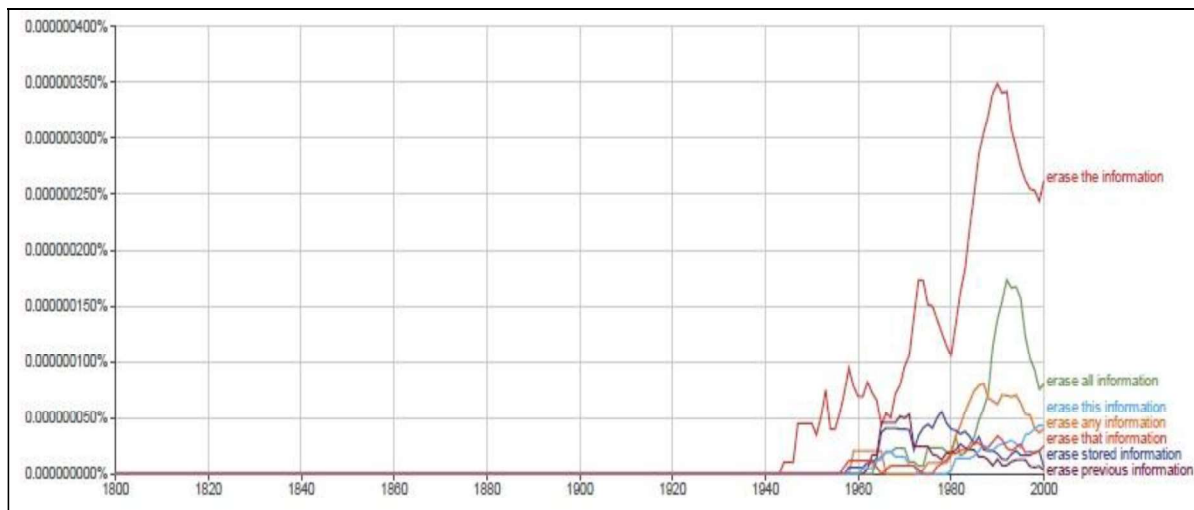


Fonte: *Google Books Ngram Viewer*. Disponível em <<https://books.google.com/ngrams>>. Acesso em 29 mai. 2014.

É nítido pelo gráfico da figura 2 que no pós-segunda guerra mundial a recuperação da informação tornou-se tema de interesse e necessidade para a ciência, como destacado em Oliveira (2005, p. 14), e para o cenário político mundial; tornando premente o desenvolvimento de uma área transversal, interdisciplinar, cujo nome seria conhecido posteriormente como Ciência da Informação (NACIONAL SCIENCE FOUNDATION, 1961, 1962). O que não esteve claro até o momento é o aspecto relacional possível de ser percebido quando mudamos o termo de busca para o de “apagamento da informação”, conforme abaixo (figura 3); percebe-se que este acompanhou razoavelmente a produção sobre “recuperação” na mesma base bibliográfica.

A urgência em se recuperar respondia a demanda em se apagar, suprimir ou em se manter em segredo a informação. Demanda esta já conhecida das relações de poder implícitas à dinâmica pública produtora de informação e de memória, segundo Almino (1986). E que evidenciam o pano de fundo relacional entre o homem e sua memória em cenários do conhecimento diversos a partir da segunda metade do século XX.

FIGURA 3: Gráfico gerado, em 29 de maio de 2014, pelo *Google Books Ngram Viewer* a partir dos termos “*erase*” e “*information*”.



Fonte: *Google Books Ngram Viewer*. Disponível em <<https://books.google.com/ngrams>>. Acesso em 29 mai. 2014.

Mais do que isso, é evidente que a recuperação da informação, somente possível pelo desenvolvimento de “sistemas automatizados (...) que começaram a surgir em meio ao boom informacional presente após a segunda guerra mundial” (RUSSO, 2010, p. 49), empreendida pelo crescimento da ameaça de perda da mesma, foi um dos pilares fundamentais para o que mais tarde tornar-se-ia “ciência da informação”. Sua importância, juntamente com a documentação, se deve ao fato de consolidar alguns dos aspectos da base fundamental da ciência da informação (C.I.). E ainda hoje, quando nos remetemos aos fenômenos socioeconômicos, culturais e políticos atuais da internet e do ciberespaço; mais precisamente aqueles concernentes à própria gestão da informação produzida na própria *web* e por ela circulante, não escapamos às mesmas preocupações fundamentais que erigiram o campo estudos, debates e pesquisas da C.I.

Quanto ao ato de documentar, parece possível afirmar que este ganhou, no século XXI, novos contornos extremamente permeáveis em decorrência da tecnologia que o suporta. E o maior avanço não está no hardware, mas sim no software. Ou seja, não é ditado pelos *datacenters* cada vez maiores, ou pelos computadores pessoais cada vez menores e mais velozes; mas sim pela programação, pela potência conectora e processadora de dados e informações que acabam por demandar máquinas mais velozes e capacidades de estocagem maiores em espaços menores.

O futuro da memória na era digital passará pela capacidade de mediação dos registros, informações e dados, por nós e sobre nós produzidos; e sua respectiva circulação. Mediação esta tangível pela tecnologia que parece intermediar cada vez mais nossos recursos mnemônicos, do individual ao coletivo. O fato é que transformamos em informação nossas memórias para melhor guardá-las do esquecimento; damos a elas forma com o objetivo de melhor recuperá-las de pronto. Sistemas, *hardwares* e demais estruturas físicas ou virtuais têm comumente servido como uma espécie de “prótese” ao desejo de manter vivos depoimentos, imagens, discursos, experiências. Segundo Robin (2003, p. 19), parte de uma saturação ascendente, característica de nosso mundo virtual.

Nos últimos dez anos muito da computação se desenvolveu, ainda mais a partir da chamada computação em nuvem. Novas questões a serem respondidas tomaram a cena em meio a dois desafios fundamentais. O primeiro diz respeito ao papel da memória no âmbito da sociedade da informação presente e futura (PIMENTA, 2013b). O segundo trata de refletir sobre as dificuldades de se manter o recurso e o espaço digital de forma a propiciar um real acesso e conseqüente recuperação da informação no ambiente eletrônico; do ciberespaço enquanto parte de um espaço público.

Sabemos que neste conjunto de dinâmicas muitas informações se perdem, sem dúvida, promovendo lacunas a qualquer memória que delas dependam. Neste interim, não é coincidência que a experiência de projetos como o *Internet Archive* tenha ganhado mais e mais visibilidade, uma vez que as páginas eletrônicas se tornarão os documentos preciosos do futuro; os objetos de uma “arqueologia digital” possível (ROGERS, 2013).

Toda esta tecnologia não poderia ser estéril às formas como lidamos com nosso passado e como intentamos representa-lo no presente. Afinal, se nossas memórias tem se tornado cada vez mais midiáticas (VAN DIJCK, 2007), graças a um conjunto de objetos e tecnologias mediadoras à nossa memória, é fato que nossa cultura também passa por um amplo movimento de autodescoberta, marcado por novas formas e dinâmicas comunicacionais e informacionais. *Grosso modo* nossa cultura informacional, responsável pela produção de conhecimento, tem reconhecido ingenuamente os motores de busca como uma forma plena e suficiente de se obter acesso à informação sem, com isso, ponderar mais profundamente sobre o que se mantém de fora do rol de opções disponíveis.

Há diversos motores de busca disponíveis na *world wide web*: *Google*, *Yahoo*, *Sapo*, *Bing* – antigo *MSN* –, *Ask*, entre outros. Mesmo o maior motor de busca da atualidade, o *Google* – que em 2005 indexava 68,2% da web – ainda não possui condições de indexar todo o conteúdo da rede mundial (GULLI; SIGNORINI, 2005). Dessa forma, se a limitação do

conteúdo disponível na web é um fato, também o é a impossibilidade de preservação de toda a informação, ou de uma memória digital total de todo o ciberespaço. Com efeito, também se torna limitada e insuficiente a indexação realizada por meio de diferentes motores de busca e suas respectivas plataformas.

3 ACESSO À INFORMAÇÃO NA *WEB*: SELETIVIDADE COMO OBSTÁCULO À UTOPIA DE ACUMULO E RECUPERAÇÃO DE TUDO.

Vimos acima que o acesso à informação na rede mundial de computadores é, portanto, limitado, em primeira instância, ao conteúdo daquilo que se escolhe indexar para disponibilizar na própria web. É igualmente sabido que os motivos que norteiam tal seletividade são diversos; e que a diversificação dos suportes de informação na sociedade contemporânea, por meio do investimento e desenvolvimento da tecnologia, são igualmente expressões de uma sociedade e sua cultura em amplo movimento. Não obstante, tais mudanças interferem na forma como concebemos e legitimamos nossas memórias coletivas e individuais, pois as maneiras pelas quais nos tornamos capazes de registrar, salvaguardar e compartilhar esta ou aquela experiência, ao passo que se aceleraram e se diversificaram entre mídias e formatos variados, tornaram-se múltiplas em um mundo interconectado.

Com efeito, os crescentes meios de produção e propagação da informação no âmbito da era digital afetarão as maneiras de se compreender e representar o passado; influenciando não somente o conhecimento produzido como a memória em constante construção. (PIMENTA, 2013b, p. 148).

Há, portanto, uma via de mão dupla que torna capaz a promoção do acesso à informação tanto quanto é capaz de atomizar mais e mais referências e fontes de maneira a levar-nos todos à extrema dificuldade em se organizar e partilhar um volume de informação jamais visto e que se apresenta cada vez maior à medida que o conhecimento científico e a tecnologia desenvolvem-se juntamente com suas respectivas indústrias.

Tais desafios já foram expostos por Bush (1945) há pouco mais de setenta anos, ao apontar que as formas de registro realizadas na sociedade de meados do século XX já vinham encontrando grandes mudanças pelo avanço tecnológico e que tais transformações não implicavam apenas nas formas de se produzir e registrar informação, mas sim no desafio de se recuperar tais registros. Bush estava certo no tocante a sua análise. Assim como esteve correto Saracevic (1992; 1996) ao destacar o papel da dimensão tecnológica nas subjetividades da cultura contemporânea. E por meio dela que *lato sensu* acredita-se ser possível vencer a total e irremediável perda da informação já que aparentemente “tudo” está na rede. Qual a necessidade de lembrar, de construir e imaginar dada experiência pretérita, se podemos recuperar? Os próximos estudos sobre a memória na era digital precisarão lidar com um

possível fato, não exposto por Saracevic, de que a dimensão tecnológica na cultura contemporânea talvez possa vir a “fagocitar” a dimensão subjetiva interferindo drasticamente na forma como nos relacionamos com a memória.

Sabemos que produzir conteúdo na internet é hoje uma prática ordinária tanto de indivíduos como de instituições. Ainda assim, é importante frisar que a informação “digital” ou “digitalizada” não está isenta do apagamento. Crer na perenidade da informação em meio digital seria um risco grande uma vez que a obsolescência tecnológica (PALHARES, 2011) é uma constante na contemporaneidade.

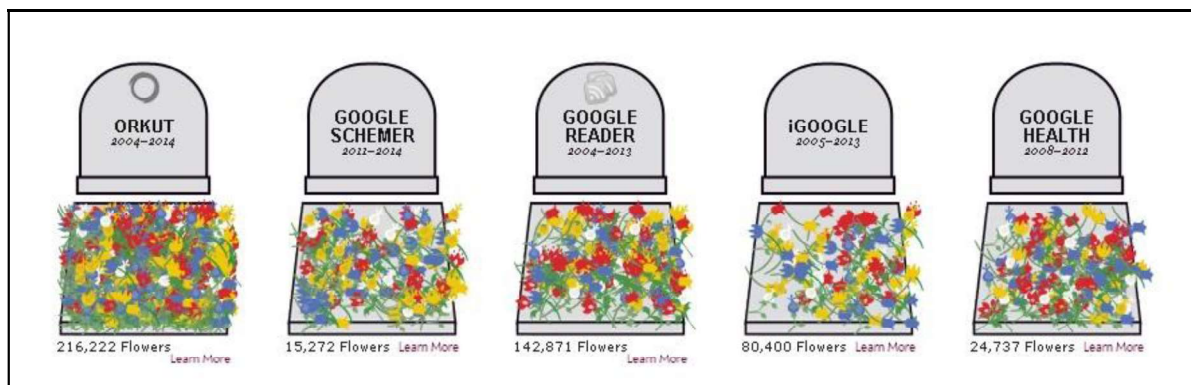
Segundo Garcia (2008), o papel ainda é um suporte possivelmente mais seguro e de vida mais longa para se registrar uma informação. Recuperá-la, pois, requer apenas o acesso à prateleira, ou às pastas onde estão acondicionadas. Nas mídias eletrônicas, quedas ou oscilações da rede elétrica podem comprometer o suporte. Mudanças constantes de tecnologia sugerem um constante investimento na renovação e atualização de máquinas e sistemas. Recuperar a informação *a priori* parece ser mais “seguro” quando tratamos de suportes de papel e prateleiras repletas de pastas. Pelo menos quando a obsolescência tecnológica é a único desafio. Mas poderíamos falar de uma “obsolescência social” do suporte ou plataforma informacional utilizada? Ou seja, de seu esgotamento enquanto espaço e instrumento social, levando conseqüentemente a não atualização tecnológica de sua tecnologia? Ao deixar de atualizar e, portanto, investir economicamente em determinado sistema, ou plataforma, não estaríamos entregando ele mesmo “às margens do rio *Lethe*”²⁸ (WEINRINCH, 2001) de nossa cultura digital?

4 A “DESORKUTIZAÇÃO” COMO FENÔMENO DO APAGAMENTO DA INFORMAÇÃO NA *WORLD WIDE WEB*.

Recentemente o *Google* anunciou o fim do *Orkut*, uma das principais redes sociais na primeira metade dos anos 2000 e, conseqüentemente, o apagamento de toda informação dos milhões de perfis dos seus usuários. Já em relação às comunidades públicas do *Orkut*, estas serão preservadas em um arquivo eletrônico digital em seu conteúdo textual, gráfico e imagético (ROCHA, 2014). Apesar de ser um manancial fértil para futuras pesquisas na área da história digital (PIMENTA, 2013b), por exemplo, parece não haver garantias de que tal arquivo estará disponível permanentemente e se o mesmo será amplamente acessado.

²⁸ Da mitologia grega, o rio *Lethe*, ou *Lete*, é um dos cinco rios do *Hades*. Suas águas causavam o total esquecimento a aquele delas bebesse ou se banhasse.

FIGURA 4: Imagem do cemitério virtual de produtos do *Google* que foram “descontinuados”, criado por uma revista digital americana.



Fonte: (KIRK; BRADY, 2014).

Tal evento é de interesse para a ciência da informação uma vez que a própria web pode ser vista como um complexo sistema de informação e de sua mediação entre atores/usuários/produtores diversos. Com efeito, se a ciência da informação é parte inerente da própria experiência do homem em buscar compreender os papéis atribuídos ao seu conhecimento e às formas de registros do mesmo ao longo do tempo (WERSIG, 1993), a reflexão sobre os fenômenos relacionados ao ciberespaço e as suas formas de produção, registro, circulação e apagamento da informação nada mais são que etapas sequentes e necessárias a serem debatidas pelo campo.

Neste sentido, consideramos que o tema sobre o apagamento da informação é sensível, uma vez que o ato de “apagar” significaria justamente, impossibilitar a ação da recuperação da informação; uma das razões de ser da ciência da informação (SARACEVIC, 1992).

Tal aspecto “sensível” se torna mais ainda premente quando nos indagamos sobre os motivos que levam uma rede mundialmente reconhecida como o Orkut à “morte”, além de suas possíveis consequências.

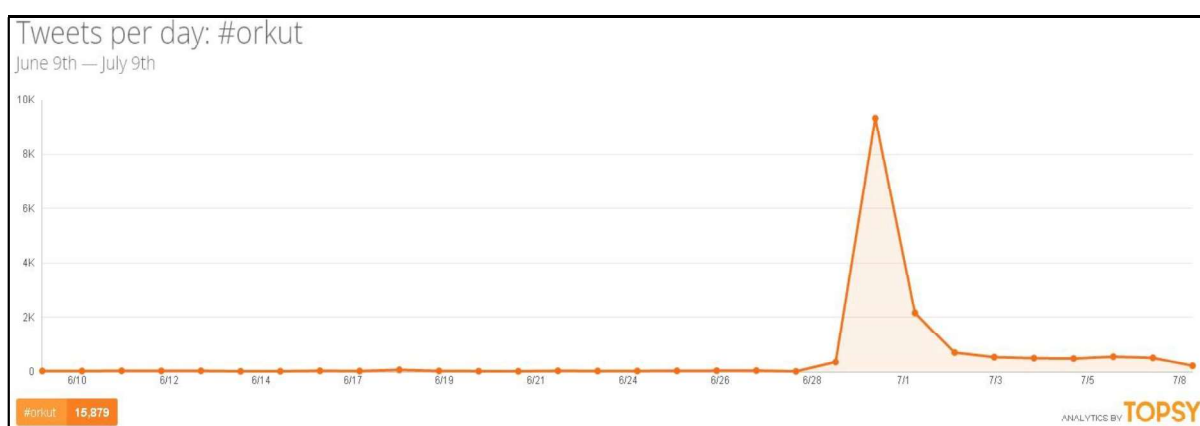
Até aqui, uma possível resposta parece relacionar-se ao status do conteúdo destes *websites* e redes sociais. Enquanto alguém provê conteúdo, a rede social permanece viva (ROGERS, 2013, p. 61). Se não há conteúdo a ser atualizado, posto, a rede está inabitada e estática. Inerte e sem vida assim como a velha cidade de Flint, em Michigan, nos Estados Unidos da América, documentada e retratada no filme “Roger e eu” (MOORE, 1999). Repleta de imóveis residenciais, industriais e comerciais, Flint tornou-se uma espécie de “cidade fantasma”. Sem habitantes; sem vida. Deixou de ser um espaço de sociabilidade e interação política, econômica e cultural. O que muda é a permanência de seus habitantes. No caso da rede social *Orkut*, guardada as devidas proporções, podemos afirmar que a “obsolescência

social”, que cunhamos acima, tornou-a gradativamente menos “viva” na web, levando-a à outra forma de obsolescência que é a perceptiva. Onde apesar da funcionalidade e utilidade preservadas de algum produto, seus usuários tendem a preferir versões mais atualizadas e com algum grau de inovação ainda que mínimo. Tal fenômeno é comumente percebido no campo da moda, mas já é claramente legitimado pela cibercultura contemporânea.

Neste escopo, é possível afirmar que um número significativo de usuários do *Orkut* abandonou seu espaço de produção e circulação de informações, de conteúdo, e cessaram a interação, o convívio, naquele lugar virtual uma vez que possivelmente adotaram outras plataformas de interação. Em 2013 ele já perdia a terceira posição no ranking brasileiro de popularidade em redes sociais (AGUILHAR, 2013). Ranking onde por muito tempo ocupou o primeiro lugar.

Retomando a análise sobre o anunciado fim das atividades do *Orkut*, cabe sabermos o que ocorrerá com o volume informacional produzido durante todos os anos de existência da rede. A própria especulação sobre o destino daquela rede social no ciberespaço parece ressignificar o estatuto das informações ali contidas e que até então pareciam mais esquecidas que nunca. Entre os meses de junho e julho de 2014, período no qual o anúncio da descontinuidade do *Orkut* foi veiculado pelo *Google*, é possível visualizar um aumento significativo do termo “#orkut” na rede social *twitter*, como assunto. Utilizamos a ferramenta gratuita de busca e análise em redes sociais, *Topsy*. Ao lançar o termo “#orkut” no motor de busca da referida ferramenta.

FIGURA 5: Gráfico aponta aumento de *tweets* e *retweets* sobre o *Orkut* após a notícia (30 de junho) de seu desligamento pelo *Google*.



Fonte: TOPSY, *real-time search engine*. Disponível em <<http://topsy.com/>>. Acesso 09 jul. 2014.

O gráfico logo acima é importante para se pensar o papel da memória na era digital, pois é informação necessária às compreensões presentes e futuras sobre a própria história da interação humana via redes sociais de plataformas digitais. O *Orkut* foi um dos grandes precursores que marcaram esta experiência e, portanto, parte de uma memória coletiva em escala global. A notícia de seu fim gerou um pico no gráfico acima, correspondente aos *retweets*, por representar um “lugar comum” na inter-relação de milhões de jovens e adultos nos últimos anos.

Nesse sentido, o *Orkut* representa uma das formas de exterioridade da memória por ser ele próprio um suporte, uma mediação, um repositório que desde o dia 30 de junho teve sua morte anunciada. Seu uso, e os registros nela criados, no entanto, devem ser alvo de próximos questionamentos e constantes reflexões para que não sejamos vítimas de certa ingenuidade de que o acesso a tudo e a reprodução indiscriminada de fontes, dados, documentos, informações em nuvem poderá garantir a perenidade de uma dada informação e da memória no futuro.

O que se sabe é que esta memória será preservada até a próxima atualização de sistema operacional, ou até o próximo movimento das grandes empresas de tecnologia, que vem formando verdadeiras corporações de dados, quando se descobrirá um *bug* inesperado ou simplesmente a desativação de uma dada conta. No gráfico acima o *tweet* de maior compartilhamento, no dia 30 de junho de 2014, é o de uma agência de notícias indiana com a mensagem “E agora? Como vou dizer para os meus filhos como conheci a mãe deles?”.²⁹ O *tweet* diz respeito ao anuncio de encerramento das atividades do *Orkut* e mostra uma relação das melhores reações de usuários do *Twitter* sobre o caso.

Embora a notícia seja tratada com humor pelo referido sítio eletrônico e por seus seguidores na rede social *Twitter*, é fato que aquilo que é produzido já digital acaba por se tornar completamente dependente de uma tecnologia, de sua gestão, e atualização mais intensa.

Quando o assunto trata da preservação da memória por meio de suportes digitais e mesmo, de uma política instituída de preservação daquilo que se produz já em meio eletrônico, é notório que as instituições responsáveis pela informação digital produzida e armazenada em seus servidores precisam encontrar de forma factível os meios de gerar em seu espaço próprio o conhecimento necessário e desejável para manter-se um determinado legado (HEYMANN, 2009) dessa mesma informação.

²⁹ Tradução livre do autor. Extraído de “*how will I tell my kids how I met their mother now?*” (IBN Live, 2014).

O caso do *Orkut* é significativo, pois o anúncio de suspensão das atividades na referida plataforma nos convida a pensar sobre o grande volume de registros realizados naquela rede social e seu risco de apagamento. Será este processo parte de uma “destruição criativa” (BURKE, 2012 *apud* SCHUMPETER, 1978)? Necessária ou banal? Reside aí o problema a se inferir nos estudos sobre os papéis da memória frente à “paisagem” de excesso informacional de nossa era digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DEFININDO PERCURSOS FUTUROS AO PROJETO EM CURSO

Ao longo deste artigo, discorreremos de maneira sintética sobre o papel da recuperação e do apagamento da informação no ciberespaço tendo como foco os possíveis desdobramentos para as políticas de memória, e mesmo dos debates recentes acerca do “direito ao esquecimento”, como parâmetro da cultura informacional da sociedade global (BOUTANG, 2011).

O caso do término anunciado do *Orkut* apresenta um recorte claramente perceptível do campo, mais extenso e heterogêneo, da pesquisa em andamento. De fato, diariamente encontramos notícias, postagens e *tweets* nas redes sociais, análises e toda sorte de registros na web sobre a temática da memória e do esquecimento associada à informação no ciberespaço.

Recuperação e apagamento da informação são temas fulcrais à ciência da informação, mas este artigo busca alertar que este debate não deve ser realizado sem ter em conta o aspecto da memória enquanto aspecto duplo: o de deflagrador e até mesmo consequência das ações impetradas na recuperação e no apagamento da informação no ambiente virtual.

REFERENCIAS

AGUILHAR, L. Orkut perde posto de 3º rede social mais popular. **O Estado de São Paulo**. Caderno Link [versão on-line] Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/orkut-perde-posto-de-3a-rede-social-mais-popular/>>. Acesso em 26 jul. 2014.

ALMINO, J. **O Segredo e a informação: ética e política no espaço público**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ASSMANN, J. Communicative and Cultural Memory. In: MEUSBURGER, P.; HEFFERNAN, M.; WUNDER, E. (Eds.) **The Geographical Point of View**. Series: Knowledge and Space, Vol. 4, 1º ed. Dordrecht: Springer, 2011.

BOUTANG, Y. M. Wikipolítica e economia das abelhas. Informação, poder e política em uma sociedade digital. In: ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. **Informação, conhecimento e poder: mudança tecnológica e inovação social**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento II: da enciclopédia à Wikipédia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2012.

BUSH, V. As we may think. **The Atlantic Monthly**. 01 de Julho 1945. 112-124. Disponível em <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>>. Acesso em 04 fevereiro 2014.

CONWAY, P. **Preservation in the digital world**. Washington: Commission on Preservation and Access - CPA, 1996. Disponível em <<http://www.clir.org/pubs/reports/reports/conway2/index.html>>. Acesso em 21 jul. 2014.

FLUSSER, V. **A escrita: há futuro para a escrita?** São Paulo: Annablume, 2010.

GARCIA, J. C. R. Gestão e tecnologia da informação: desafios do profissional da informação. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, vol. 9, nº 5, outubro de 2008. Disponível em <http://www.dgz.org.br/out08/Art_01.htm>. Acesso em 20 fevereiro, 2014.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p.43-60, 2012.

DERY, Mark. **Velocidad de escape: la cibercultura en el final del siglo**. Trad. Ramón Montoya Vozmediano. Madri: Siruela, 1998.

GULLI, A.; SIGNORINI, A. The indexable web is more than 11.5 billion pages. *Special interest tracks and posters of the 14th international conference on World Wide Web (WWW '05)*. ACM, New York: 2005. pp. 902-903. Disponível em <http://www.di.unipi.it/~gulli/papers/f692_gulli_signorini.pdf>. Acesso em 12 dezembro 2013.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista**. Vol.2. Trad. Flávio Beno Siebeneichler, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HAYLES, N. Katherine. **How we think: digital media and contemporary technogenesis**. Chicago, USA: University Chicago Press, 2012.

HEYMANN, L. Q. Estratégias de legitimação e institucionalização de patrimônios históricos e culturais: o lugar dos documentos. In: **VIII Reunião de Antropologia do Mercosul**. GT 33 – processos de patrimonialização da cultura do mundo contemporâneo. Buenos Aires: 29 de setembro a 09 de outubro de 2009.

IBN Live. **How will I tell my kids how I met their mother now?** 2014. Disponível em <<http://ibnlive.in.com/news/how-will-i-tell-my-kids-how-i-met-their-mother-now-the-best-twitter-reactions-to-orkut-shutting-down/482968-79.html>>. Acesso 27 jul. 2014.

JARDIM, J. M. A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990 - 1995). **Ciência da Informação**. v. 27, n.3, Brasília: 1998.

JORENTE, M. J. V. **Ciência da informação: mídias e convergência de linguagens na Web**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidade, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis. (org.) **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MCLUHAN, M. **Understanding media: the extensions of man**. [Edited by W. Terrence Gordon – Critical Ed.] Berkeley, CA: Gingko Press, 2011.

MONTEIRO, S. D. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**. v.8, n.3, junho de 2007. Disponível em <http://www.dgz.org.br/jun07/Art_03.htm>. Acesso em 08 nov. 2013.

MOURA, M. A. Cultura informacional, redes sociais e lideranças comunitárias: uma parceria necessária. In: _____. (org.) **Cultura informacional e liderança comunitária: concepções e práticas**. Belo Horizonte: Proex/UFMG, 2011. Disponível em: <<https://www3.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/>>. Acesso em: 18 de fevereiro, 2013.

NATIONAL SCIENCE FOUNDATION. Science Information specialists. **Proceedings of the Conference on Training Science Information specialists**, 1961, october, 1962, april, 12-13. Atlanta: Georgia Institute of Technology, 1961, 1962.

OLIVEIRA, M. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: _____. (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PALHARES, I. O consumo de tecnologia no rastro da aceleração da obsolescência. **Com Ciência**, Campinas, n. 131, 2011. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151976542011000700003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23, fevereiro, 2014.

PIMENTA, R. M. Big Data e controle da informação na era digital: tecnogênese de uma memória a serviço do mercado e do Estado. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**. v.6, nº 2, 2013a. Disponível em <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/117/159>>. Acesso em 29 ago. 2014.

PIMENTA, R. M. O futuro do passado: desafios entre informação e a memória na sociedade digital. In: ALBAGLI, S. (org.) **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília, DF: IBICT, 2013b. Disponível em <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1020>>. Acesso em 02 fev. 2014.

ROBIN, R. **La mémoire saturée**. Paris: Stock/Un ordre d'idées, 2003.

ROCHA, C. Google anuncia fim do Orkut. **O Estado de São Paulo**. Coluna Link: notícias de tecnologia. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/google-anuncia-fim-do-orkut/>>. Acesso em 07 jul. 2014.

ROGERS, R. **Digital Methods**. Cambridge: MIT Press, 2013.

RUSSO, M. **Fundamentos em biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

SARACEVIC, T. Information science: origen, evolution and relations. In: VAKKARI, P., CRONIN, B. (eds.) **Conceptions of Library and Information Science. Proceedings of the COLIS Conference Tampère**, 1991. Los Angeles, Taylor Graham, 1992. p. 5-27.

_____. Relevance reconsidered. Information science: Integration in perspective. In P. Ingwersen & N.O. Pors (eds.). **Proceedings of Second International Conference on Conceptions of Library and Information Science (CoLIS)**. Copenhagen: The Royal School of Librarianship, 1996.

SCHUMPETER, J. **The theory of economic development**. Oxford: Oxford University Press, 1978.

KIRK, C.; BRADY, H. The Google graveyard: leave a flower for a deceased Google product. **SLATE**. Disponível em http://www.slate.com/articles/technology/map_of_the_week/2013/03/google_reader_joins_graveyard_of_dead_google_products.html>. Acesso em 06 jul. 2014.

VAN DIJCK, J. **Mediated memories: in the digital future**. Stanford, California: Stanford University Press, 2007.

YATES, F. A. **A arte da memória**. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2007.

WEINRICH, H. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**. vol. 29, p. 229-239, mar. 1993. Oxford, UK.